

SPINOZA E A QUESTÃO DOS MILAGRES

LUIS CARLOS SILVA DE SOUSA¹

INTRODUÇÃO

O objetivo desta exposição consiste em analisar a questão dos milagres em Baruch de Spinoza. Essa análise será dividida em três passos: [1] a questão dos milagres² no *Tratado Teológico-Político*³; [2] a crítica de Willian Lane Craig à questão dos milagres em Spinoza⁴; [3] uma possível resposta de Spinoza a Willian Craig⁵.

¹ Coordenador do CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DO ITEP-CE Doutorando em Filosofia na PUC-SP.

² A questão dos milagres como problema filosófico é um importante tópico na discussão sobre filosofia da religião, sobretudo em língua inglesa. Ver, sobretudo, em SWINBURNE. *Miracles*. New York: Macmillan, 1989; (org). *The concept of Miracle* London: Macmillan, 1989. F. R. TENNANT. *Miracle and Its Philosophical Presuppositions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1925. N. L. GEISLER. *Miracles and the modern mind*. Grand Rapids. Baker, 1992; *Miracles and Modern Thought*. Grand Rapids: Zondervan, 1982. A. FLEW. *Miracles*. In: *The Encyclopedia of Philosophy*, org. Paul Edwards. Vol. 5., New York: Macmillan an the free press, 1967; S. L. JAKI. *Miracles and Physics*. Front Royal, Va.: Christendom, 1989.

³ Sobre a crítica de Spinoza à concepção de milagres, na literatura atual há apenas referências esparsas entre os especialistas. Embora Spinoza lhe dedique um capítulo inteiro, esse tópico é tratado, em geral, apenas de passagem por seus comentadores, sendo situado na discussão mais ampla sobre a religião. Com isso, porém, não é observada devidamente a importante distinção entre a crítica de Spinoza aos milagres e a de Hume. De fato, os principais argumentos contra os milagres, no século XX, foram ditos sob inspiração de Hume (SWINBURNE, 1989; GEISLER, 1992; FLEW, 1967). Penso ser a crítica de Spinoza, contudo, ainda mais radical – embora pouquíssima explorada –, porque desenvolvida a partir do *conceito de Deus*, enquanto Hume argumenta sob enfoque epistêmico, a partir (a) da incredibilidade dos milagres, (b) da falta de testemunhas confiáveis, (c) das afirmações incoerentes sobre a natureza dos milagres (GEISLER, 1992). Dito de forma breve: Spinoza argumenta sobre a *impossibilidade* dos [CONTINUA]

[1] A QUESTÃO DOS MILAGRES NO *TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO*

“Dos Milagres” é o capítulo VI do *Tratado Teológico-Político*⁶. O capítulo é dividido em vinte e quatro parágrafos. Nos dois primeiros parágrafos Spinoza apresenta a opinião do vulgo, que chama divina à ciência que ultrapassa a capacidade de compreensão humana. Além disso, o vulgo pretende que a prova mais clara sobre a existência de Deus consista no fato de a natureza, ao que se supõe, não seguir a própria ordem de modo que, por “milagre”, o vulgo pretende algum *fato insólito da natureza*. Nunca o vulgo admira tanto a potência divina ou a sua providência como quando imagina a potência da natureza como submissa

CONTINUAÇÃO DA NOTA 3:

milagres, enquanto Hume argumenta contra a *improbabilidade* dos milagres. (D. HUME, *Investigação acerca do entendimento humano*, São Paulo: Nova Cultural, 1996.) Spinoza, como Hume, tematiza o não-reconhecimento confiável de milagres, mas vai além de Hume no sentido de conceber um “impossível” não apenas epistêmico, mas ontológico.

⁴ W. L. CRAIG. *A veracidade da fé cristã: uma apologética contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2004. A relevância da crítica específica de Craig não se deve ao caráter explicitamente apologético-cristão de sua obra, mas sobretudo ao *modo* de se interpretar os argumentos de Spinoza. Com efeito, Craig propõe, segundo penso, uma *crítica interna* ao projeto de Spinoza, isto é, tentando explicitar e, em seguida, refutar as premissas que apóiam a crítica aos milagres – a saber, o próprio conceito spinozano de Deus.

⁵ As objeções de W. Craig se situam num plano metafísico incomensurável em relação à concepção *imanentista* de Deus proposta por Spinoza. A resposta de Spinoza a Craig segue, como veremos, a mesma direção crítica, frente às tentativas de antropomorfização de Deus, que tanto influenciou autores como Kant, Hegel, Feuerbach, Marx etc. (Y. YOVEL, *Espinosa e Outros Hereges*. I: O Marrano da razão. II: As aventuras da imanência, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993).

⁶ Para as citações desta obra utilizo a seguinte edição: *Tratado Teológico-Político*. Introdução, tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1988 [sigla **TTP**].

a Deus. E, de fato, diz Spinoza “isto agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não passaram de inventar milagres para fazer com que Deus os ame a eles mais do que a todo o resto e que são a causa final por que Deus criou e rege continuamente todas as coisas” [TTP 204].

Spinoza divide em quatro pontos, no §3, o cerne do que será apresentado por sua concepção de milagres:

[a] Spinoza considera “que nada acontece que seja contrário à natureza e que esta mantém uma ordem eterna, fixa e imutável, e bem assim o que deve entender-se por milagres” [TTP 204].

O primeiro ponto de sua concepção é exposto entre os §§ 4 e 6. Sua afirmação central, mais uma vez, é a seguinte: na natureza – e por “natureza” Spinoza não entende apenas a matéria e as suas afecções –, nada acontece que seja contrário às suas leis universais. “De outro modo, diz Spinoza, teríamos de admitir que as suas leis e regras são tão ineficazes que ele se vê frequentemente obrigado a vir de novo em seu auxílio se quer que ela se conserve e que as coisas se passem conforme deseja, o que presumo ser completamente contrário à razão” [TTP 206].

[b] O segundo ponto é exposto entre os §§ 7 e 12. Spinoza argumenta que, longe de demonstrarem a existência de Deus, os milagres – concebidos como fatos que repugnam à ordem natural – fariam antes com que duvidássemos dessa existência. Ora, é exatamente por não existirem milagres que podemos saber que tudo segue a ordem certa e inevitável da natureza. Em consequência, Spinoza não faz distinção entre fato antinatural e fato sobrenatural, já que tudo isso é simplesmente um absurdo.

[c] O terceiro ponto é exposto entre os §§ 13 e 17. Spinoza demonstra aqui, com base na Escritura, que “os decretos e os mandamentos de Deus, e, por conseguinte, a sua providência, não são senão a ordem da natureza” [TTP 211]. Na verdade, “a Escritura fala com bastante impropriedade de Deus e das coisas, uma vez que não pretende convencer a razão mais impressionar e ocupar a fantasia e a imaginação dos homens” [TTP 213]. Entretanto, como afirma Spinoza, o que é contrário à natureza é contrário à razão, e, por outro lado, o que é contrário à razão é absurdo.

[d] O quarto ponto é exposto entre os §§ 18 e 24. O modo de interpretar os milagres na Escritura é feito

por Spinoza nos seguintes termos: “É muito raro os homens contarem simplesmente uma coisa tal como ela aconteceu, sem acrescentarem nada de sua opinião” [TTP 214].

A Escritura, portanto, narra representações como se fossem coisas reais. Além disso, para se entender os milagres, é preciso considerar as figuras de retórica utilizadas pelos Hebreus em suas narrações. Feita essa ressalva, Spinoza considera que “não encontraremos na Escritura coisa alguma que possa demonstrar-se que repugna à luz natural” [TTP 217]. É por isso que a discussão sobre os milagres segue um método inteiramente diferente do que tinha sido usado ao tratar da profecia, pois, no caso dos milagres, diz Spinoza, o objeto de nossa investigação é inteiramente filosófico.

[2] A CRÍTICA DE W. L. CRAIG À CONCEPÇÃO DE MILAGRES EM SPINOZA

Para Craig⁷, o *Tratado Teológico-Político* se opõe seja à possibilidade de milagres, seja ao seu valor como evidência como prova de existência de Deus. Portanto, os argumentos de Spinoza podem ser divididos em dois aspectos:

[a] Os milagres quebram a ordem imutável da natureza.

Já que não há diferença entre o conhecimento de Deus e sua vontade, tudo decorre da necessidade e perfeição divinas. Ora, tal necessidade é expressa pelas leis da natureza. Se, por isso, ocorresse algum fato contrário a essas leis, a vontade e o conhecimento divinos estariam em contradição com a sua natureza, o que é impossível. Portanto, milagres são impossíveis.

⁷ Craig tem consciência de que opera com um conceito de *liberdade* que não é o de Spinoza, mas que está na base de sua crítica. Noutro contexto (J. P. MORELAND, & W. L. CRAIG, *Filosofia e cosmologia cristã*, São Paulo: Vida Nova, 2005), Craig explicita melhor as premissas de sua própria concepção a partir de Luis Molina, um importante autor da escolástica barroca, cuja posição de modo algum pode ser compatibilizada com a de Spinoza, embora o mesmo não se possa dizer, por exemplo, acerca de Leibniz. Neste ponto, aliás, a crítica de Craig pode ser confrontada com a de Bennett (J. BENNETT, *Study of Spinoza's Ethics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1984), na medida em que ambos supõem elementos extrínsecos à perspectiva de Spinoza, como a noção de *possibilidade* num sentido não-epistêmico. Para uma crítica a Bennett, ainda que não referente à questão dos milagres, mas à questão da salvação, ver YOVEL (1993, 174, n. 2).

[b] Os milagres são insuficientes para provar a existência de Deus.

Se admitirmos milagres, isto nos conduzirá ao ateísmo, embora seja o contrário do que o vulgo pensa. Mas os milagres não podem provar a existência de Deus, por dois motivos: (1) a causa do suposto milagre não é necessariamente Deus, já que poderia ser tão somente um anjo ou um demônio; (2) além disso, o que se chama “milagre” pode ser apenas algo ainda não explicado pelo homem.

A defesa cristã dos milagres, propostas por Craig contra Spinoza, é a seguinte:

(1) Contra a primeira objeção de Spinoza, a apologética de Craig afirma que os milagres não contradizem a natureza Deus, já que “as leis da natureza não fluem do ser de Deus sob forma determinista”⁸, mas livremente desejadas; além disso, os milagres, assim como as leis, podem ter sido desejadas por Deus desde a eternidade, de modo que sua ocorrência não representam uma mudança nos decretos de Deus.

(2) Contra a segunda objeção, Craig observa que os milagres podem ser uma prova da existência do Deus cristão. O problema do reconhecimento dos milagres como um ato de Deus e não de um anjo ou demônio é algo que ocorre no exame contextualizado dos casos; já que as “leis desconhecidas” podem ser os meios de Deus para intervir no curso da natureza.

Portanto, os milagres não são nem impossíveis nem irreconhecíveis, segundo W. L. Craig.

[3] OBJEÇÃO A CRAIG A PARTIR DE SPINOZA

(a) A crítica de Spinoza aos milagres⁹ deve ser situada numa crítica mais ampla sobre a visão da Transcendência de Deus.

(b) Os milagres se reduzem ou são redutíveis às leis naturais.

⁸ Ver CRAIG (2004, 142). Essa objeção já se encontra na tradição de Tomás de Aquino, embora Craig não situe sua própria posição na linha tomista (TOMAS DE AQUINO, *Summa contra Gentiles*, III, c. 51).

⁹ Essa discussão, levada a efeito de um modo mais amplo, pode nos permitir uma apreensão mais rigorosa sobre o vínculo entre o conceito spinozano de Deus e suas conseqüências sobre uma análise das modalidades (necessidade, impossibilidade, possibilidade e contingência), que estão na base da questão dos milagres no *Tratado Teológico-Político*.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPINOZA OPERA. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg, C. Winter, 1925.

SPINOZA. **Tratado Teológico-Político**. Introdução, tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1988.

BENNETT, J. **A Study of Spinoza's Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

CRAIG, W. L. **A veracidade da fé cristã: uma apologética contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

CRAIG, W. L. **The kalam cosmological argument**. London: Macmillan, 1979.

FLEW, A. Miracles. In: **The Encyclopedia of Philosophy**. Org. Paul Edwards. Vol. 5., New York: Macmillan an the free press, 1967.

GEISLER, N. L. **Miracles and the modern mind**. Grand Rapids. Baker, 1992.

GEISLER, N. L. **Miracles and Modern Thought**. Grand Rapids: Zondervan, 1982.

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

JAKI, S. L. **Miracles and Physics**. Front Royal, Va.: Christendom, 1989.

MORELAND, J. P & CRAIG, W. L. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PLANTINGA, A. **Warranted Christian Belief**. New York: Oxford University Press, 2000.

SWINBURNE, R. **Miracles**. New York: Macmillan, 1989.

SWINBURNE, R. (org). **The concept of Miracle**. London: Macmillan, 1989.

TENNANT, F. R. **Miracle and Its Philosophical Presuppositions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1925.

YOVEL, Y. **Espinosa e Outros Hereges**. I: O Marrano da razão. II: As aventuras da imanência, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

